

BERNARDO CARVALHO

O último gozo do mundo

Uma fábula



1.

A última coisa que ela podia imaginar era que ele esperasse dela uma mulher leve e despreocupada. Não foi assim durante os vinte anos que passaram juntos, não seria agora, aos trinta e nove, em meio a uma quarentena, quando tudo é espera sem futuro. Ele esperou o isolamento social ser decretado para comunicar que não podia continuar ao seu lado. Foi uma surpresa saber que ele tinha descoberto a felicidade justamente enquanto ela estivera fora dando aulas. E, no entanto, não faltavam indícios. Fazia mais de um ano que o sexo entre eles se convertera num esforço que nenhum dos dois estava disposto a fazer.

Não poderia haver talvez dúvida na decisão e ambiguidade no sentimento? Não. A presença dela o oprimia, sua guerra contra a injustiça do mundo o perturbava. Vivia com ela em estado de alerta, como se tudo estivesse a ponto de explodir e ela sempre à espera da pior das crises, que agora, por ironia, pegava-a desprevenida. Longe dela ele percebeu que o problema não era dele. Não eram dele nem a tensão nem a

ansiedade, ele insistiu. Longe dela compreendeu que podia ser feliz sozinho.

Pela primeira vez em vinte anos despediram-se sem contato físico, como pedia o bom senso no combate à peste. Mas bastou ele sair e fechar a porta para ela entender a redundância insensata do abandono no confinamento: a perspectiva da solidão, como se já não bastasse, justificada por uma ameaça exterior, física, mortal e invisível.

Tinha voltado do exterior para a vida ao lado de um homem que já não a queria, embora à distância tivesse declarado seu amor até o último minuto, por telefone, talvez pela inércia do hábito (estavam juntos desde o fim da adolescência) transformado em culpa e compaixão. No curto intervalo entre a volta e a ruptura, entretanto, ela ainda teve tempo de realizar um plano antigo e assistir ao curso de uma crítica literária que, mais de uma vez em eventos dos quais também ela participara como conferencista, havia ridicularizado seus romances escritos sob pseudônimo, sem saber que estava na presença da autora. Teve tempo de assistir apenas à primeira aula. A universidade foi interditada no dia seguinte, depois de um aluno de direito e outro de engenharia, ambos com a forma grave da doença, confirmarem a presença do vírus no campus. O fechamento da universidade coincidiu com o início da quarentena.

Uma coisa inédita e inesperada, contudo, ocorreu naquela aula, enquanto ela ouvia a crítica literária achincalhando passagens de um de seus romances assinado com pseudônimo masculino. O curso, na verdade uma oficina de criação literária, propunha-se a desconstruir uma série de imposturas e engodos contemporâneos — o seu romance entre eles — e ela esperava colher, da situação improvável de sua presença como

autora incógnita entre os alunos, inspiração e material para um futuro projeto picaresco. Nunca escrevera nada cômico. Seria sua chance de provar que também tinha humor. A professora lia trechos do livro em voz alta e, supondo que tivesse sido escrito por um homem, zombava da incapacidade do autor para lidar com tudo o que não se referisse ao próprio sexo, entre olhares de cumplicidade e piscadelas lançadas à colega (e autora) impassível entre os estudantes: “Vejam só do que é capaz a imaginação masculina! O que um homem pode pensar de uma mulher! Atentem para o vocabulário. Até onde vai o ridículo da sua fantasia?!”.

Nessa hora, justamente, um rapaz ruivo que ela havia notado ao entrar e com quem vinha trocando olhares furtivos percebeu que ela não tinha o livro e convidou-a a seguir a leitura no exemplar dele. Foi a confirmação de uma correspondência para ela inconcebível àquela altura: flertar com um estudante quinze anos mais jovem, sentar ao seu lado, enquanto ele acompanhava com o indicador roído as frases que ela havia escrito quando tinha a idade dele, protegida por um pseudônimo que agora era destroçado, na leitura implacável da professora.

Foi de fato uma sensação inédita de transgressão e liberdade — ele não era seu aluno, podiam fazer o que bem entendessem, sem a sanção das regras de conduta e das hierarquias acadêmicas; ela dava aulas em outra faculdade, estava ali de ouvinte, em princípio para prestigiar a colega obcecada por seus livros sem saber que eram seus —, uma liberdade vizinha da loucura que os possuiu depois da aula, depois de ela oferecer carona ao estudante, quando caminhavam para o estacionamento por um dos bosques da

universidade e se atracaram de repente, indiferentes ao risco não só de serem flagrados em público, mas de acabarem vítimas de um assalto, que também não podia ser descartado ali ao cair da noite. Sem que pudessem saber, consagravam naquele instante o fim de uma era. Ali terminava o mundo como o conheceram.

Não marcaram nada. Não disseram seus nomes. Não trocaram telefones nem e-mails. “O desconhecido é combustível da fantasia”, a professora havia pinçado, poucas horas antes, dentre os clichês do romance em suas mãos. Para a autora a graça daquele mal-entendido só confirmava a vantagem de nunca ter assumido o que publicava fora da carreira acadêmica. Ela era socióloga. Com o próprio nome, assinava textos de sociologia. Assim como os heterônimos abriam-lhe novas possibilidades romanescas em princípio incompatíveis entre si, um projeto literário picaresco por exemplo, o anonimato permitia-lhe realizar algo ainda mais improvável e inesperado, consumir uma fantasia adolescente reprimida, entregando-se a um jovem desconhecido. Ninguém podia associá-la à autora de ficção, atribuir-lhe uma identidade literária, confiná-la a um estilo, aos romances que escrevera. Da mesma forma, não era ela quem estava ali com o estudante, num estacionamento da universidade. Era a encarnação de uma fantasia adiada. A desvantagem do anonimato, naquele caso pelo menos, e sem que ela pudesse prever, era tornar o futuro impraticável. Em silêncio, os dois contavam com a aula seguinte, que nunca houve. Apanhados de surpresa pela quarentena, cada um seguiu seu caminho sem saber mais nada um do outro.

*image
not
available*

resultado da ameaça mortal que os encurralava. A falta de perspectiva excita o medo, e ninguém sobrevive com medo. Assim passaram a viver no paradoxo da negação. Foram mais de dois anos, entre períodos de flexibilização, às vezes espontânea e inconsequente (por duvidar do que não viam, por negar o que não correspondesse ao espelho das redes sociais, muitos logo se sentiam imunes e cansavam de esperar), e eventuais retomadas compulsórias de confinamento, para tentar remediar os estragos da inconsequência, até a descoberta de uma vacina aparentemente segura trazer de volta não a ilusão de normalidade em que muitos já viviam, mas uma possibilidade mais concreta e confiável de futuro. É claro que nada disso traria de volta a vida nos termos do passado. De repente tudo era exagero. As ruas se encheram de gente que se reunia, se abraçava e se beijava em desafio ao perigo invisível, supostamente vencido. Tudo o que não puderam fazer durante o confinamento, faziam em dobro fora dele. Queriam se reencontrar, tocar-se, mas nada era suficiente. Uma onda de euforia tomou conta do mundo, uma histeria coletiva compensatória, como a “febre da dança” à saída da Idade Média. Em poucos meses o rastro da devastação viria a dar sua medida exata, a contagem dos mortos não oficiais, a miséria, os desvalidos, os famintos, o desastre econômico, a desfaçatez autocrática, a disputa pelo que sobrou comutado em objeto de uma nova partilha entre homens e nações numa luta pela sobrevivência mais selvagem, mais mesquinha, ocupando o vácuo onde num passado recente se enalteceram a empatia e o amor. Antes que esse novo desencanto fosse deflagrado, viveram dias supostamente felizes, enfurecidos em seu excesso, e certamente irrefletidos, o fim do mundo travestido de

*image
not
available*

parasse para pensar, também pararia de correr e, aí sim, talvez recuasse envergonhada.

A luz da clareira projetava a sombra deles sobre seus passos, pelo caminho que a música também fazia através das árvores, em sentido contrário ao deles, que corriam para ela. Investiam contra a música. E, entre os rostos iluminados, como num sonho ou numa fábula, de repente ela teve a impressão de ver o dele. Sentindo-se observado, ele se virou para ela. E pouco a pouco, entre olhares de reconhecimento mútuo, foram diminuindo o passo até pararem um diante do outro, separados por uns poucos metros que ainda permitiam a passagem de um ou outro retardatário desgarrado, correndo na direção da música e da clareira iluminada.

“Você não sabe como eu te procurei”, ele sorriu, tirando as palavras dela, depois de segundos a observá-la, hesitante, em silêncio. É verdade que um reencontro assim, para ser realmente fabuloso, não deveria comportar nenhuma hesitação, mas ali se explicava pelos meses de isolamento. Cada um havia amadurecido à sua maneira, envelhecido na ausência do outro. Cada um tinha sido devastado à sua maneira. Tinham guardado do outro a imagem de um mundo perdido, que só podia existir em fantasias ou lembranças distantes. Era natural que hesitassem em reconhecer um ao outro. Era normal que duvidassem, que temessem as ilusões. Todo mundo sabe que o mundo não é uma fábula. “Postei um monte de mensagens na esperança de que a gente tivesse pelo menos um amigo em comum, em algum círculo.”

Ela sorriu, olhou para o chão e balançou a cabeça antes de voltar a olhar para ele, sem saber se acreditava, se era possível que tivessem feito a mesma coisa — ela também o tinha

*image
not
available*

contra um exército invisível, sem a renovação da experiência, esgotados mental e emocionalmente, condenados a raspar o tacho da memória e da imaginação. Os desaparecimentos corresponderam, nem que fosse apenas como alegoria, à ameaça de um inimigo difuso e traiçoeiro. Tiveram uma frequência e um efeito incomensuravelmente menores e mais pontuais que os da pandemia, estenderam-se por um período bem mais curto, não mais que uns poucos meses, mas o bastante para eletrizar com um pouco de novidade e por tempo limitado a imaginação de um público cansado de morrer a mesma morte, e por tabela serviram como a desculpa que faltava às autoridades para recorrer à força contra o dissenso. Só não chegaram a constituir um novo fantasma porque a comparação com os números estratosféricos da pandemia contou paradoxalmente a favor da excepcionalidade de um punhado de desaparecidos (um banqueiro; o presidente da associação nacional dos planos de saúde; a líder do partido ultraconservador; o fundador da Igreja Neocristã e o chefe de um dos braços armados do agronegócio) num mundo onde tudo o que era excepcional estava condenado a desaparecer, justamente. Logo sumiram das notícias de jornal, de modo que não dava para saber se os desaparecimentos tinham realmente cessado ou mesmo acontecido. A experiência do vírus fez parecer natural que a repressão por eles desencadeada fosse inversamente proporcional à sua aparente inexistência.

Enquanto em outros países governo e população trabalhavam mais ou menos juntos pelo bem comum, por uma saída ponderada da crise sanitária e econômica, ali as autoridades visavam precisamente a morte. É sabido que a morte como condição estruturante da política resulta de falta

*image
not
available*

séries distópicas representando a desgraça alheia. Não se identificavam com mortais, é claro. Sempre viveram num mundo à parte, protegido, murado, antes mesmo de serem confinados pela doença, mas bastou se verem forçados ao confinamento para atirarem-se às ruas, sôfregos. Isso não queria dizer que tivessem se resignado à contradição. Ao contrário. Não suportavam a convivência com o que os contrariava, estavam cansados de quem os acusava de irresponsáveis. Nunca suportaram a culpa. Aos seguidores das orientações médicas, reservavam o desdém (quando não a violência), a provocação de sua presença sem máscara nas ruas e a alcunha de ingênuos pessimistas, sem notar mais uma vez a contradição em termos. Era na cegueira dos seus atos que se aninhava o verdadeiro nihilismo. Era natural que preferissem se manter entre iguais, confirmação de sua autoimagem, e isso também em lugares públicos. Ao abandonar o confinamento para confraternizar na esquina, à volta de um copo de cerveja, soavam inadvertidamente o alarme para as autoridades sanitárias. Dentre os privilegiados que tinham a opção de ficar em casa, eram os primeiros a morrer. Andar em grupos mais ou menos coesos e impermeáveis não os imunizava contra o vírus. Os pobres que ainda trabalhavam e, sem escolha, eram obrigados a sair de casa diariamente e usar o transporte público, continuavam a encabeçar a lista de mortos, apesar dos dados oficiais subnotificados, a ocultar números e corpos. O aumento das mortes entre os nostálgicos, entretanto, indicava que o vírus estava de volta às chamadas elites econômicas e que novos confinamentos se faziam necessários para protegê-las de si mesmas.

*image
not
available*

Era assim que chamavam o refúgio, em algum canto perdido entre plantações de cana, no interior do país, onde um sobrevivente que, depois de escapar por um triz à morte, saindo do coma sem nenhuma memória mas com a capacidade de prever o futuro, vivia cercado por um grupo de prosélitos que o protegiam das incoerências do mundo exterior. Ele era a promessa de um mundo por vir, prenhe de empreendimentos e possibilidades. Seus seguidores lhe davam a memória que perdera, contando-lhe o que nunca existira, e em troca ele anunciava o futuro a visitantes que não se importavam em deixar os olhos da cara por um pouco de esperança.

Ela perdeu o estudante de vista depois daquela noite numa espelunca no centro, quando ele anotou seu número e prometeu ligar. Viram-se apenas duas vezes na vida. Foi uma surpresa deparar com sua foto nos jornais e ler sobre sua fuga. A princípio confusa, ela logo passou a duvidar da versão oficial da polícia. Pelo pouco que o conhecia, não o imaginava como o fugitivo incendiário que os artigos pintavam, muito menos como nostálgico. A polícia sustentava que justamente por isso ele tivesse se refugiado entre eles, se fizesse passar por um deles, para sobreviver na clandestinidade. Isso se houvesse realmente fugido e estivesse vivo. Tudo era demasiado improvável e inverossímil, ganhando aos poucos a forma claustrofóbica de um pesadelo.

Ela teria ressaltado a improbabilidade aos investigadores, se lhe houvessem perguntado, mas ninguém a procurou, não faziam ideia de quem ela era, e ela logo entendeu que não devia confiar neles, não estavam interessados em descartar nenhuma improbabilidade. Não havia pistas até ela além do comentário que o estudante fizera, no início da quarentena, a

um colega de faculdade cujo depoimento ficou registrado nos autos sem que ela pudesse saber, sobre o encontro casual com uma mulher mais velha, na universidade. Segundo o colega de faculdade, o suspeito entrara em parafuso quando suspenderam as aulas, não sabia como revê-la. O colega de faculdade tampouco fazia ideia de quem podia ser aquela mulher. Não via o suspeito fazia meses. Senão, saberia que ele a reencontrara, e certamente teria mencionado o fato à polícia.

*image
not
available*

se o sobrevivente supostamente lembrava apenas o que teriam vivido juntos, não poderia predizer-lhes a morte.

Nas primeiras horas de estrada, provavelmente por livre associação, ela falou ao filho sobre as esfinges. Pensava e falava. Ao longo do isolamento, e talvez precisamente por estarem os dois sós, ela começara a falar com o filho sobre tudo o que lhe passava pela cabeça. No início sem perceber, falava com ele como as crianças falam com amigos invisíveis ou os velhos às paredes. Era possível que o fato de ele ainda ser muito pequeno para entendê-la a tivesse liberado no começo a dizer as coisas mais inverossímeis a uma criança. Aos poucos aquela conversa imaginária ganhou a naturalidade das urgências, dos vícios e das manias. Disse ao menino que, ao contrário dos oráculos, as esfinges eram monstros que diziam o óbvio, por meio de charadas que poucos eram capazes de decifrar. E que, ao transformar em enigma o que estava na cara de todos, a esfinge só revelava quanto somos cegos e incapazes de ler o mundo.

Como nos diálogos dos romances que escrevia sob pseudônimo, era ela a autora das reações do interlocutor. O homem que vamos ver é uma esfinge?, ela imaginou o filho perguntando, enquanto ele seguia mudo, entretido com a paisagem. Como é que nasce uma esfinge?

“Essa nasceu de um vírus”, ela respondeu. “Um vírus não é um ser vivo. É só um agente, sem moral nem vontade. Seu objetivo é se reproduzir. E se costuma matar, muitas vezes também engendra a vida. Dizem que a gente nasceu de um vírus.”

Eu e você?